

# CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.11890

## PATERNIDADE ENTRE HOMENS JOVENS: VIVÊNCIAS, MUDANÇAS E POSSIBILIDADES

*Paternity on the younger men's: experiences, changes and possibilities**Paternidad entre hombres juvenes: experiências, câmbios y posibilidades***Maria Beatriz de Assis Veiga<sup>1</sup>** **Mayara Ribeiro Maciel**[https<sup>1</sup>](#) **Bianca Pezzini Souza da Silva Klayn<sup>1</sup>** **Cláudia Regina Ribeiro<sup>1</sup>** **Adriana Lemos<sup>1</sup>** 

### RESUMO

**Objetivo:** apresentar as percepções de homens jovens sobre a vivência da paternidade. **Método:** estudo qualitativo, realizado através de entrevista com 12 jovens de idade entre 18 e 24 anos, captados pela técnica de bola de neve e saturação teórica. O tratamento dos dados deu-se pela análise de conteúdo. **Resultados:** os jovens pais encontravam-se em cenário socioeconômico desfavorecido. A paternidade foi associada a isolamento e perdas, mas também à renovação e novas perspectivas. O provimento financeiro do filho foi um aspecto relacionado a exigências do modelo de masculinidade e paternidade vigentes, o que pode dificultar a vivência de outras formas de ser pai. **Considerações finais:** é necessária a implementação de políticas públicas que possibilitem aos rapazes gerenciarem sua vida reprodutiva de forma saudável e responsável, estabelecendo discussões quanto a gênero e masculinidade, para favorecer a vivência de uma paternidade menos calcada nas normas de masculinidade vigentes.

**DESCRITORES:** Paternidade; Saúde sexual e reprodutiva; Gênero e saúde; Sexualidade.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 29/04/2022; Aceito em: 21/05/2022; Publicado em: 11/04/2023

**Autor correspondente:** Maria Beatriz de Assis Veiga, E-mail: maribi.v@uol.com.br

**Como citar este artigo:** Veiga MBA, Macielhttps MR, Klayn BPSS, Ribeiro CR, Lemos A. Paternidade entre homens jovens: vivências, mudanças e possibilidades. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2023 [acesso ano mês dia];15:e11890. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.11890>



## ABSTRACT

**Objective:** present the perceptions of young men about the experience of fatherhood. **Method:** qualitative study, carried out by interviews with 12 young people aged between 18 and 24 years, captured by the snowball technique and the theoretical saturation. Data processing was performed by content analysis. **Results:** the younger fathers were in a disadvantaged socioeconomic scenario. Fatherhood was associated with isolation and losses, but also with renovations and new perspectives. The financial provide of the child was one of the aspects related to the demands of the current model of masculinity and paternity, which can be difficult to experience in the other ways of being a father. **Final considerations:** it is necessary to implement public policies that allow boys to manage their reproductive lives with health and responsibility, establishing discussions about gender and masculinity, to favor the experience of a fatherhood less grounded in the current norms of masculinity.

**DESCRIPTORS:** Paternity; Sexual and reproductive health; Gender and health; Sexuality.

## RESUMEN

**Objetivo:** presentar las percepciones de hombres jóvenes sobre la experiencia de la paternidad. **Método:** estudio cualitativo, realizado a través de entrevistas a 12 jóvenes con edades comprendidas entre los 18 y los 24 años, captados por la técnica bola de nieve y saturación teórica. El tratamiento de los datos se realizó mediante análisis de contenido. **Resultados:** los padres jóvenes se encontraban en un escenario socioeconómico desfavorecido. La paternidad estaba asociada con aislamiento y pérdidas, pero también con la renovación y nuevas perspectivas. La provisión financiera del hijo fue un aspecto relacionado con las exigencias del modelo de masculinidad y paternidad actual, que puede dificultar la experiencia de otras formas de ser padre. **Consideraciones finales:** es necesario implementar políticas públicas que permitan a los jóvenes gestionar su vida reproductiva de forma sana y responsable, estableciendo debates sobre el género y la masculinidad, para promover la experiencia de una paternidad menos basada en las normas de masculinidad actuales.

**DESCRIPTORES:** Paternidad; Salud sexual y reproductiva; Género y salud; Sexualidad

## INTRODUÇÃO

A juventude é compreendida como o período de 15 a 24 anos, tendo uma interseção com o final da adolescência, mas esse período pode estender-se até os 29 anos ao considerarmos alguns marcos de independência, como a formação acadêmica e a saída da casa dos pais. Além de marcar a transição da infância ao mundo adulto, ela é caracterizada por transformações biológicas, psicológicas e sociais. O termo pode ser usado no plural, “juventudes”, ao ponderar as diversidades e desigualdades que marcam a vida dos jovens.<sup>1</sup>

A paternidade durante a juventude é vista como um problema, por aumentar as vulnerabilidades sociais, econômicas, educacionais, principalmente nos cenários em que as desigualdades sociais já se fazem presentes, como as periferias e favelas das grandes cidades brasileiras.<sup>2-4</sup> Enquanto uma visão mais simplista acredita ser a gestação na adolescência um problema de saúde pública, uma abordagem mais complexa a entende como um fenômeno social multicausal.<sup>5</sup>

Quando vista como problema, a perspectiva é a tentativa de evitá-la ou reduzi-la, fazendo com que as ações de saúde e educativas sejam destinadas a investimentos no controle reprodutivo, através do acesso a métodos contraceptivos. Situação essa que não considera a reprodução nessa fase da vida como um direito do jovem. Mas a sua visão mais ampla leva em consideração os aspectos complexos que envolvem o fenômeno na perspectiva de melhor compreendê-lo.

É certo que a vivência sexual e a gravidez são diferentes para rapazes e moças, e essas diferenças estão inscritas no corpo, mas

não se resumem a eventos biológicos, pois são profundamente marcadas pelas concepções de gênero presentes em nossa cultura. As relações de gênero ocorrem de forma hierárquica no que tange ao poder, em que homens são privilegiados em detrimento das mulheres<sup>6</sup> e essa perspectiva precisa estar presente nas discussões sobre maternidade e paternidade. Com a chegada dos movimentos feministas, esses aspectos têm sido enfaticamente debatidos e as masculinidades problematizadas, não sendo mais sua forma tradicional reconhecida e valorizada como regra, mas estando aberta às críticas e convidadas à reconstrução.<sup>7</sup>

Em se tratando das masculinidades e suas implicações na vivência da paternidade, faz-se necessário levar em conta que “masculinidades significam diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos”<sup>8:106</sup>, devendo estar claro que há formas distintas de masculinidades produzidas no mesmo contexto social, que convivem no mesmo lugar e momento histórico e estão sujeitas a conflitos.

Ao nos debruçarmos sobre o tema da paternidade, tendo como premissas os conceitos de gênero e masculinidades, é possível compreender, por exemplo, o aval social para que os jovens de sexo masculino tenham menos responsabilidades sobre o cuidado com os filhos, mas maior responsabilidade sobre o provimento financeiro destes.<sup>2</sup> O papel de provedor pode ser difícil de desempenhar em plenitude por um jovem pai e a sua instabilidade financeira pode acabar por afastá-lo da vivência da paternidade.

Nesse cenário, cabe trazer para a discussão o conceito de paternidade participativa que pode oferecer a esse jovem a vinculação a um novo modelo de masculinidade e exercício da paternidade,

sendo esta última mais vinculada ao afeto, ao prazer, cuidado e à promoção da saúde de pais e filhos, e menos ao provimento financeiro que pode ser difícil de ser alcançado por esses jovens em momento precoce da vida.<sup>9</sup>

Este estudo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “A paternidade na visão de jovens pais na perspectiva de gênero” defendida no ano de 2014 no Programa de Pós-graduação Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Esta teve como um de seus objetivos: apresentar as percepções de homens jovens sobre a vivência da paternidade, visto ser relevante a compreensão da visão masculina quanto à gestação durante a adolescência e juventude, para compreendermos um pouco mais as implicações desse fenômeno nesta população.<sup>10</sup>

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa. Os participantes foram 12 jovens pais de sexo masculino, entre a faixa etária de 18 a 24 anos. No corpo do texto, esses jovens serão identificados pela letra E, de entrevistado, e do número sequencial em que forneceram as entrevistas. Essas foram realizadas pela primeira autora deste estudo (que na ocasião era enfermeira e mestranda em enfermagem), e teve como cenários locais como: as casas dos entrevistados, as casas de familiares dos jovens e, ainda, espaços públicos de livre escolha dos participantes.

Para acessar os informantes foi utilizada a técnica de amostragem bola de neve, que se caracteriza pela amostragem não probabilística, em que os primeiros membros da amostra são captados por conveniência, sendo-lhes solicitado que, posteriormente, indiquem outras pessoas que atendam aos critérios de elegibilidade para participarem do estudo, até se chegar ao número de entrevistados desejados, sendo este estabelecido aqui pela técnica de saturação de dados.<sup>11</sup> Após as indicações era realizada uma apresentação presencial ou por telefone pela pesquisadora principal, descrito os objetivos do estudo, ônus e bônus relacionados a participação. Todos os indicados aceitaram participar do estudo e mediante a isso era agendada ou realizada a entrevista, de acordo com a disponibilidade dos jovens.

A construção dos dados realizou-se por entrevista semiestruturada (com duração entre 30 a 58 minutos), ocorrendo durante os meses de março a maio de 2014, sendo gravadas em aparelho de áudio digital e posteriormente transcritas. Não foi necessário repetir nenhuma entrevista, contudo alguns jovens foram acionados posteriormente a estas para esclarecerem algumas informações pontuais. Durante as entrevistas um caderno de campo auxiliou na anotação de detalhes como aspectos do ambiente em que estas foram realizadas, emoções e atitudes não ditas, e presença e interação do entrevistado com alguns familiares que interromperam a entrevista por algum momento como esposas e filhos.

Para o tratamento dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo em sua modalidade temática, a partir de duas categorias

pré-definidas: “compreendendo o exercício da paternidade na juventude” e “as mudanças e repercussões oriundas do fenômeno da paternidade na juventude”, sendo o conteúdo do presente estudo contemplado nesta última.<sup>12</sup> Após a leitura flutuante do material, foi criada manualmente uma primeira planilha com recorte das falas que identificaram as unidades de registro, a partir daí estas foram agrupadas caracterizando as unidades temáticas, e um reagrupamento possibilitou o surgimento das subcategorias, que foram alocadas as categorias.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em 25.2.2014, sob Parecer nº 541.474. É interessante constar que as recomendações da Resolução 466/2012 foram seguidas e nortearam o estudo, assim como todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).<sup>13</sup>

## RESULTADOS

Foram entrevistados doze jovens que se tornaram pais entre a idade de 15 a 23 anos, todos residentes no Estado do Rio de Janeiro. Quanto à raça/cor, 10 deles (83,3%) se autodeclararam negros e/ou pardos.

Com relação à vida estudantil, apenas três tinham concluído o ensino médio, e nenhum deles frequentava a escola no ato da entrevista. Entre os jovens pais, 10 (83,3%) cursaram escola pública. Dos nove (75%) entrevistados que não concluíram o ensino médio, cinco (55,5%) já haviam abandonado a escola antes do engravidamento. Dos quatro (44,4%) jovens que tiveram evasão escolar após a gravidez, três (75%) já trabalhavam antes de ela ocorrer e todos tinham história de repetência escolar.

No que diz respeito à inserção no mercado de trabalho, em sete casos (58,3%), ocorreu através de emprego informal, e 10 jovens (83,3%) já tinham história de atividade laboral antes da gestação. No que tange à renda, oito (66,7%) entrevistados tinham renda mensal de até dois salários mínimos.

Dois dados relacionados à família dos jovens chamaram atenção: o primeiro foi a história de paternidade/maternidade na juventude ou adolescência entre suas mães ou pais, o que se apresentou como uma realidade intergeracional do fenômeno, pois 11 jovens (91,7%) vivenciaram essa mesma história.

O segundo achado foi a recorrência nos discursos dos participantes da ausência ou afastamento dos seus pais: quatro jovens (33,3%) não conviviam com estes desde a infância, seja pelo seu falecimento ou por abandono. E dois entrevistados (16,7%) — embora referissem boa relação com o pai — relataram distanciamento na relação pai-filho desde a infância em virtude da separação conjugal dos genitores.

A primeira experiência de paternidade na vida dos jovens correspondeu à idade média de 18 anos, ocorrendo em cenário de não planejamento para 11 pais (91,7%), sendo que, nesta ocasião, oito jovens (66,7%) não utilizavam nenhum método contraceptivo para prevenir a gestação. No momento das entrevistas, nove pais (75%) tinham um filho, dois entrevistados (16,7%) tinham dois filhos e apenas um (8,33%) tinha três filhos.

A idade das crianças variou entre um mês e quatro anos de vida, e embora nove jovens (75%) tenham afirmado manter relação conjugal com a mãe de seus filhos, apenas quatro (44,4%) coabitavam com eles, sendo que um residia na casa da sogra com esta, o que demonstra dificuldade em se manter economicamente de forma independente.

No discurso dos jovens, a paternidade trouxe atributos de cobrança e responsabilidade, contudo alguns aspectos positivos foram referidos, como a perspectiva de condutas mais assertivas e melhores hábitos de vida.

## DISCUSSÃO

Para compreender as vivências dos jovens quanto à assunção da paternidade, deve-se compreender que os atributos de um pai sofrem influências culturais que definem o que é correto, aceitável ou reprovável. Como aponta Santos,<sup>14</sup> o bom desempenho da paternidade era, há algum tempo, relacionado quase que exclusivamente ao provimento material do filho e à proteção através do exercício da autoridade, da punição e ao resguardo social da família, atributos que estavam seminalmente atrelados ao exercício também da masculinidade. Mas, atualmente, admite-se e deseja um exercício da paternidade que envolva cuidado e prazer.<sup>2,14,15</sup>

A gestação na adolescência é relacionada à pobreza e desigualdade de renda, e como contribuinte para futuros incertos, visto que pode gerar uma inserção precoce no mercado de trabalho e o comprometimento da vida estudantil.<sup>16</sup> No cenário brasileiro, esse fenômeno pode ainda ser associado à cor negra ou parda e à baixa escolaridade,<sup>5</sup> desvelando o racismo que atravessa a sociedade brasileira e marca a vida social de homens e mulheres ao se revelar nas esferas da educação, saúde, renda e acesso aos empregos formais.

Nass *et al.*<sup>10</sup> afirmam que a interrupção dos estudos como resultantes da gestação na adolescência, sua consequente dificuldade de inserção no mercado de trabalho e a sujeição a empregos com baixas remunerações são temores associados ao fenômeno, sobretudo entre os jovens das classes populares. Mas a maioria dos jovens deste estudo já tinham histórico estudantil comprometido antes da gestação, portanto a ocorrência desta pode acentuar os desfechos negativos na vida acadêmica dos entrevistados.

A baixa renda dos jovens foi similar à encontrada em outro estudo com pais adolescentes de ambos os sexos,<sup>10</sup> ratificando a vinculação da paternidade na adolescência a condições socioeconômicas desfavoráveis, embora a maior ou menor vinculação não deva ser analisada a partir desse aspecto isoladamente.

Alguns estudos<sup>16,5</sup> observam que o fenômeno da gestação na adolescência/ juventude possa ser algo repetido dentro das famílias, não sendo incomum mães, pais e irmãos terem vivenciado essa experiência. No que tange aos jovens pais desta pesquisa, essa marca cultural apareceu nos seus contextos familiares e, embora os jovens tenham negado o planejamento da gestação,

essa “tradição” pode ter sido revivida de forma intergeracional, conscientemente ou não.

A ausência e/ou distanciamento paterno foi trazido nas falas de alguns jovens, sabe-se que a coabitação com ambos os pais é um fator protetivo para os adolescentes de sexo masculino no exercício da sexualidade, inclusive aumentando as chances de adesão ao uso do preservativo, ficando assim menos vulneráveis a gestações não planejada e às IST.<sup>17</sup>

Dessa forma, a ausência paterna pode ser relacionada a uma possível inserção sexual mais precoce, assim como a maior possibilidade de gravidez durante a adolescência/ juventude, pois o pai representa para o jovem uma fonte de orientação e apoio, com quem poderia debater assuntos ligados à esfera da sexualidade, e assim problematizar e refletir quanto ao seu exercício.<sup>16</sup>

Na fala abaixo, fica evidente que o jovem relaciona a ausência paterna ao abandono escolar e à paternidade na juventude:

*Ah! Porque ele [o pai] iria conversar... no caso, assim, ele poderia ter conversado comigo, alguma coisa, falado e tal, eu poderia não ter tido essa namorada, poderia estar estudando, curso, e poderia não ter acontecido isso [a gravidez] (E.11).*

Os jovens pais afirmaram que com a chegada do bebê se tornaram mais responsáveis, passaram a se dedicar mais às atividades laborais e a se ocuparem menos com atividades de lazer:

*Mudou. Eu estou me sentindo mais sozinho, sei lá. Eu não converso mais com ninguém assim não. Eu acho que antes eu sentia só vontade de falar bobeira, hoje em dia eu sinto vontade de falar coisa séria, e eu não criei essa relação com ninguém (E.7).*

Entende-se que, com a assunção da paternidade e o papel social de provedor, o jovem tem mudanças no seu estilo de vida, reorganização de seus projetos e nas relações com familiares, parceiras e amigos, e isso pode contribuir para esse isolamento social referido por E.7. Em pesquisa realizada na Colômbia, com jovens pais universitários, a revelação da gestação foi seguida por cobrança de responsabilidade por parte das famílias e dos próprios jovens, em que demonstraram sobretudo uma preocupação voltada para o provimento material do filho, o que pode causar grandes tensões.<sup>2</sup>

O relatório “A situação da paternidade no Brasil: tempo de agir” lançado em 2019 pelo Instituto Promundo<sup>18</sup>, descreveu, após entrevista com 1709 homens e mulheres, que as mudanças na concepção da paternidade já são evidentes, mas que o cuidado ainda é percebido como primordialmente feminino, enquanto o provimento da família seria a função principal do homem-pai. O relatório aponta ainda que os homens se envolvem bastante na tarefa de brincar com as crianças, mas não em atividades como cozinhar ou dar banho, por exemplo. Portanto, “tudo indica que essa emergente ‘nova paternidade’ continuará convivendo com visões mais conservadoras do que é ‘ser um pai’ por muitos anos”.<sup>18:15</sup>

Em nosso estudo, as cobranças pela responsabilidade e provimento financeiro inerentes deste novo papel foram provenientes do próprio jovem, mas também dos familiares e da parceira, e em alguns casos se mostraram demasiadas. No geral, referiram que são cobrados para terem mais seriedade e para que assumam sua nova família, principalmente quanto à questão financeira. Cobranças estas que os levam a reduzir o tempo para relacionarem-se com os amigos e atividades de lazer, o que parece causar frustrações e distanciamento de alguns casais:

*A gente fazia tudo juntos, eu podia ser sincero com ela, contar tudo o que eu fiz, do meu dia. Hoje em dia eu não tenho coragem de contar para ela, das coisas que eu faço. Sei lá... se eu tomar um porre, eu não vou contar para ela, ela vai ficar ofendida, falar que eu tenho que ser responsável, que eu sou pai agora, e coisa e tal. Ela mudou, assim que o bebê nasceu, já era outra pessoa; já eu, não, eu continuei sendo o mesmo cara, então eu não consegui ter a mesma relação com ela, porque ela mudou. Ela acredita que tem que fazer isso, ela acha que tem que ser outra pessoa, que ela não era antes [...]. No outro dia (após o parto), quando ela viu o [o filho], ela decidiu que ia ser uma pessoa mais velha (E.7).*

Antes do nascimento do filho, a vida e o corpo da jovem mãe começam a mudar. A partir do nascimento, ela terá que assumir tarefas com horários e prazos determinados, reduzir as horas de sono, sendo tomada pela necessidade do cuidado com o bebê e novas responsabilidades, como amamentar,<sup>16</sup> uma realidade diferente da vivenciada pelo jovem pai, mesmo que ele seja participativo. No entanto esse jovem demonstrou incompreensão e pouca solidariedade com relação a esse processo, evidenciando preocupação com eventuais consequências desse fenômeno na sua própria vida. Dessa forma, os jovens revelam que a chegada do filho é acompanhada por sentimentos negativos, como se fossem impedidos de gozar dos benefícios da adolescência e passariam a ter menos tempo para o lazer.<sup>10,16</sup> Sendo a paternidade assim descrita como uma tarefa difícil, uma antecipação ou um “pulo” para uma etapa da vida que eles viveriam um dia, mas não nesse momento, como percebemos nas falas:

*Parei de sair, algumas coisas mudaram, a responsabilidade é maior, mandar um dinheiro para se faltar alguma coisa, comprar, só! [...] Todo mundo falou que agora eu tenho que trabalhar, para não deixar faltar nada (para o bebê) (E.5).*

*Foi difícil, você tem que abrir mão de muitas coisas, e... bem dizer, você perde... perde, não, você adianta uma parte da sua vida, é isso (E.1).*

Uma visão parcialmente positiva associada à paternidade na juventude foi a oportunidade de se lançar no universo masculino, em que o “virar homem” é claramente associado à capacidade de sustentar o filho, mesmo que de forma não integral, como pode ser lido no relato abaixo:

*Ah! Sentia que mais responsabilidade estava vindo. Que chegou a hora de cair mais para dentro do trabalho mesmo! Virar homem! Aquela responsabilidade de dar de comer para meu filho, trabalhar, é assim, me sentia muito assim! (E.11).*

Contudo a condição de “provedor” pode ser mais almejada do que realmente alcançada por indivíduos que estão em fase de vida precoce, sem estabilidade financeira, com baixa renda, que como consequência não lhe seria possível arcar integralmente com as despesas dessa criança.

Outros aspectos positivos da vivência da paternidade na juventude parecem surgir compensando os seus efeitos negativos.<sup>10</sup> Momento oportuno para incentivar os jovens a promoverem mudanças positivas nas suas vidas:

*Antes dela nascer, eu era traficante (E.2).*

*Tomei um pouco mais de responsabilidade, deixando um pouco mais das minhas amizades que não eram boas, um pouco de lado, para não acabar perdendo a vida, é isso aí! (E.5).*

*Então acho que ele foi muito importante para mim, para a minha vida, para minha mudança que eu não me vejo... de repente eu poderia estar num caminho que eu não gostaria de estar, mas eu estou porque não tinha ele, então eu não me vejo assim, sem estar com ele, se ele não nascesse, como eu seria? Eu não consigo me ver, entendeu? Como eu estaria! (E.12).*

Percebe-se, com as falas acima, que a chegada do filho pode representar uma motivação para melhoria na qualidade de vida desses jovens, em que eles investem em melhores hábitos de vida. Esse momento motivacional parece muito oportuno para atuação dos profissionais de saúde e aplicação do 4º passo do fluxo a ser seguido no pré-natal do parceiro, em que temas relevantes devam ser abordados com o homem e orientações promovidas para ter hábitos de vida mais saudáveis.<sup>19</sup>

Intervenções assertivas podem auxiliá-lo a deixar o tráfico de drogas, como foi relatado acima pelo E2, e ainda promover outros hábitos mais assertivos, como: na alimentação, prática de atividades físicas, diminuição ou cessação do uso de drogas lícitas e ilícitas, e proteção contra IST. Com isso, serão necessários investimentos na formação de profissionais de saúde visando ao aprimoramento do acolhimento desse jovem pai e de adequação das unidades de saúde perante os empecilhos à introdução dos homens-pais, em particular ao pré-natal.<sup>4,20,21</sup>

Mesmo sensível às mudanças supracitadas, o fato de esses jovens estarem imersos em um cenário não favorável a essas transformações, não podem ser esquecidos, e a atenção precisa ser voltada para suas vulnerabilidades sociais, econômicas e culturais, que já se faziam presentes antes da chegada do filho e são fatores limitantes das suas expectativas de mudanças.

Nesse sentido, políticas públicas para além do setor de saúde precisam ser direcionadas a esse público, em que o jovem-

-homem-pai-pobre-trabalhador não seja visto na perspectiva de “problema” pela dificuldade em sustentar a si e ao filho, mas sim como alguém com potencialidades que precisam ser trabalhadas e investidas, e assim aspirar a um futuro melhor.

Futuro esse em que a história intergeracional da maternidade/paternidade na adolescência e juventude possa ter um desfecho diferenciado, não na perspectiva de violação de direitos dos jovens, mas do seu real poder de escolha: onde no futuro os filhos dos jovens pais desta pesquisa se encontrem em condições sociais e culturais favoráveis para refletirem e optarem de forma consciente quanto ao momento de se reproduzirem, terem acesso à educação de qualidade e direito de viverem numa sociedade com menos iniquidades de gênero, podendo assim exercer uma paternidade mais participativa do que provedora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por desejo, planejamento ou “acidente”, esses jovens reproduzem a sua história familiar — dado importante para ser refletido e debatido na esfera da luta pelos direitos sexuais e reprodutivos da juventude, pois eles não devem se tornar pais pela simples capacidade biológica de o fazerem, ou para reproduzir o vivido em seu contexto social, como se não pudessem ter outro desfecho para suas vidas. Porque garantir exercício dos direitos sexuais e reprodutivos implica dar condições a esses jovens de terem escolhas conscientes, saudáveis e responsáveis.

Nesta pesquisa, a paternidade durante a juventude teve repercussões negativas e positivas na vida dos jovens, em que a exigência de responsabilidade e obrigação de prover financeiramente o filho tornam possível coexistência de sentimentos de frustrações/ abdições e de felicidade ao assumir um novo papel social.

O “ser pai” parece motivar os jovens a refletirem quanto a melhores hábitos e condições de vida, contudo o seu cenário social, econômico e cultural, presentes antes do engravidamento, não é favorável a essas mudanças. Por isso a importância de implementar políticas públicas que visem a diminuir o seu desfavorecimento social e econômico e ainda invista em suas potencialidades.

A paternidade na juventude foi vivenciada mediante a forte influência dos papéis sociais atrelados ao masculino, que resultaram na valorização da paternidade provedora e menos afetiva. Finalizamos com a certeza de que esse fenômeno multicausal, que é a gestação na adolescência e juventude, precisa ser debatido e ações devem ser direcionadas aos jovens pais, no sentido de lhes promover outras formas de exercerem as suas masculinidades e a paternidade, pois atender as demandas financeiras da criança é necessário, mas não em detrimento do convívio amoroso e afetivo.

## REFERÊNCIAS

1. Abramovay M, Castro MG, Waiselfisz JJ. Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam? Brasília-DF: Flacso – Brasil, OEI, MEC; 2015.
2. Hernández-Quimara A; Rivero-Rubio C; Linares-García J. Significados de paternidad para jóvenes universitarios: cotidianidad, relaciones y cambios en proyecto de vida. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv.* [Internet]. 2021 [acesso em 11 de janeiro 2022];19(1). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1251881>.
3. Takeiti BA, Gonçalves MV, Oliveira SPAS de, Elisariro T da S. O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? *Saúde Soc.* [Internet]. 2020 [acesso em 16 de março 2022];29(3);e181118. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020181118>.
4. Mello MG, Parauta TC, Saldanha BL, Bridi AC, Lemos A. Participação do pai jovem no acompanhamento do pré-natal: a visão do profissional de saúde. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)*. [Internet]. 2020 [acesso em 20 de março 2022];12. Disponível em: [http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7068/pdf\\_1](http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7068/pdf_1).
5. Santos BR, Magalhães DR, Mora GG, Cunha A. Gravidez na Adolescência no Brasil – Vozes de Meninas e de Especialistas. Instituto dos Direitos da Criança. Brasília: INDICA; 2017.
6. Scott JW. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade.* [Internet]. 1995 [acesso em 15 de janeiro 2022];20(2). Disponível em: [https://archive.org/details/scott\\_gender](https://archive.org/details/scott_gender).
7. Santana GR, Brito WF, Soares WD. A reestruturação dos papéis de gênero e a criação das novas masculinidades. *Rev. Psicol., Divers. Saúde.* [Internet]. 2020 [acesso em 17 de janeiro 2022];9(3). Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.v9i3.3081>.
8. Kimmel MS. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos.* [Internet] 1998 [Acesso em 10 de março 2022];4(9). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>.
9. Ribeiro CR, Gomes R, Moreira MCN. Encontros e desencontros entre a saúde do homem, a promoção da paternidade participativa e a saúde sexual e reprodutiva na atenção básica. *Physis (Rio J.)*. [Internet] 2017 [acesso em 18 de janeiro 2022];27(11). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000100003>.
10. Nass EMA, Lopes MCL, Alves BD, Marcolino E, Serafim D, Higarashi IH, Marcon SS. Vivências da maternidade e paternidade na adolescência. *Rev. baiana enferm.* [Internet]. 2017 [acesso em 14 de janeiro 2022];31(2);e16629. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v31i2.16629>.
11. Gray DE. Pesquisa no mundo real. Trad.: Costa RC. 2. ed. Porto Alegre: Penso; 2012.
12. Bardin L. Análise de Conteúdo. Tradução: Reto LA, Pinheiro A. São Paulo: Edições 70; 2011.

13. Ministério da Saúde (Brasil). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília-DF, 2012.
14. Santos CVM dos. Um novo pai, novas funções? [Mestrado em Psicologia]. São Paulo (Brasil): Universidade de São Paulo; 2014. [acesso em 27 de janeiro 2022]. Disponível em: [http://dedalus.usp.br/F/8UFP8U58DF8UEL4U8HRJI28F6EQHEXYLGSJBI4XL6QR6R7HRG9-00336?func=full-set-set&set\\_number=019803&set\\_entry=000003&format=999](http://dedalus.usp.br/F/8UFP8U58DF8UEL4U8HRJI28F6EQHEXYLGSJBI4XL6QR6R7HRG9-00336?func=full-set-set&set_number=019803&set_entry=000003&format=999).
15. 15. Ribeiro CR, Gomes R, Moreira MCN. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. *Ciênc. Saúde Colet.* [Internet]. 2015 [acesso em 27 de janeiro 2022];20(11). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152011.19252014>.
16. Oliveira PR de, Rodrigues JZ, Ferreira JD, Batista DJR, Gusmão RM de, Franco SE de J, ROCHA, et al. Gravidez na adolescência: um desafio crítico para os países do cone sul. *J. Health NPEPS.* [Internet]. 2018 [acesso em 12 de janeiro 2022];3(2). <https://doi.org/10.30681/25261010>.
17. 17. Borges ALV, Duarte LS, Cabral CS, Lay AAR, Viana OA, Fujimori E. Uso de preservativo masculino e dupla proteção por homens adolescentes no Brasil. *Revsáude pública (Online).* [Internet]. 2021 [acesso em 20 de fevereiro 2022];55(109). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003298>.
18. Instituto Promundo. *A Situação da Paternidade no Brasil 2019: Tempo de Agir.* Rio de Janeiro, Brasil: Promundo; 2019.
19. Hermann A et al. *Guia do pré-natal do parceiro para profissionais de saúde.* Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2016 [acesso em 10 janeiro 2022]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_pre\\_natal\\_parceiro\\_profissionais\\_saude.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pre_natal_parceiro_profissionais_saude.pdf).
20. Costa SE, Taquette SR. Atenção à gestante adolescente na rede SUS: o acolhimento do parceiro no pré-natal. *Rev. enferm. UFPE on line.* [Internet]. 2017 [acesso em 20 de março 2022];11(5). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23360/18984>.
21. Oliveira BCL de, Araújo ADF de, Maciel MR, KLAYN BPS da S, Ribeiro CR, Lemos A. Ações de saúde para homens-pais e a promoção à paternidade no pré-natal: Revisão integrativa. *RSD.* [Internet]. 2021 [acesso em 23 de março 2022];10(4). Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14460>.